

[Notícia anterior](#)[Próxima notícia](#)

5 abr 2017 | O Globo

O combate ao terror na onda nacionalista

A fragmentação e o isolacionismo, apoiados por líderes como Putin, dificultam uma ação integrada contra a atuação de grupos extremistas

Após o atentado em São Petersburgo, que matou 14 pessoas e feriu outras 50 na Rússia, na segunda-feira, o presidente do país, Vladimir Putin, conversou por telefone com a chanceler federal da Alemanha, Angela Merkel, e o presidente da França, François Hollande. Eles concordaram em acelerar o compartilhamento de dados e informações sobre a atuação de grupos extremistas. Segundo o Kremlin, os três líderes também discutiram alguns tópicos delicados, como o cessar-fogo na Ucrânia.

Não seria exagero aplicar ao telefonema o velho adágio popular sobre a troca da fechadura, após a porta ter sido arrombada, dada a obviedade de uma necessária ação coordenada contra o terrorismo — e, nesse sentido, a ausência do presidente dos EUA, Donald Trump, na conversa entre Putin, Merkel e Hollande foi uma eloquente omissão, por seus significados concretos e simbólicos. De qualquer modo, diante da vulnerabilidade das populações civis ao terror, o diálogo, mesmo atrasado, foi um passo necessário e incontornável.

A fragmentação da ordem mundial, e de seus sistemas de valores culturais, morais e de uma noção internacional do Direito — impulsionada pela onda de nacionalismos populistas, inclusive entre grandes potências, como o Reino Unido, os EUA e a própria Rússia de Putin — pode facilitar a execução de atentados, quer pelo Estado Islâmico e outros grupos radicais muçulmanos ou por separatistas, como os chechenos. Isolados dentro de muros, essas nações correm o risco de não conseguir agir de forma conjunta e preventiva contra o terror.

No sentido inverso, os terroristas globalizam sua guerra santa ou luta por independência territorial exportando uma ideologia violenta. Dominam tecnologias e têm a motivação que os permitem atuar com desenvoltura num mundo que se fecha cada vez mais. Um exemplo disso são os atentados perpetrados por cidadãos ou imigrantes residentes nos países alvos das ações terroristas, como o britânico Khalid Masood, autor dos atropelamentos em Londres, na ponte de Westminster, no mês passado. E os ataques se sucedem em todo o mundo, do Oriente Médio à Europa e aos EUA.

A Rússia, como se viu na segunda-feira, após a explosão de uma bomba no metrô de São Petersburgo, também está no roteiro da violência de separatistas e de radicais islâmicos, críticos do apoio do presidente russo à ofensiva militar síria contra o EI.

De certo modo, Putin sofre as consequências de sua ambição geopolítica e estratégia de fragmentar o mundo em repúblicas desarticuladas, em vez de blocos constituídos por metas de integração. Mas Putin não está só. A opção britânica pelo Brexit, as políticas isolacionistas de Donald Trump, potências que já lideraram a globalização, reforçam hoje a fragmentação que tanto ajuda os extremistas.

Impresso e distribuído por NewspaperDirect | www.newspaperdirect.com, EUA/Can: 1.877.980.4040, Intern: 800.6364.6364 | Copyright protegido pelas leis vigentes.

[Notícia anterior](#)[Próxima notícia](#)